

RAIMUNDO LOPES

Filho do magistrado MANUEL LOPES DA CUNHA, nasceu em Viana, Maranhão, a 28 de setembro de 1894, RAIMUNDO LOPES.

Em vez de seguir a carreira paterna, como seria de esperar, preferiu, apenas adquirido o título de bacharel em ciências e letras, no Liceu Maranhense, ingressar no magistério, impellido por insopitáveis pendores para os estudos de geografia.

E ao mesmo estabelecimento em que se formara, voltou como professor, mediante concurso indicativo de quanto lhe eram conhecidos os modernos métodos aplicados a este ramo científico.

Para evidenciar novas diretrizes formulou, em breve prazo, inovador programa da matéria, baseado na divisão regional, como a entendia.

Ao mesmo tempo, ultimou o *Torrão Maranhense*, livro que, editado em 1916, revelou suas qualidades argutas de geógrafo, expressas em linguagem peregrina.

Qual o seu objetivo?

Confessaria de entrada: "No conjunto das terras brasileiras, o Maranhão, deixado à margem pela maioria dos cientistas, é uma das menos conhecidas à luz do critério moderno..."

Aplicar, na medida do possível, os princípios da geografia moderna a este recanto do país — não é outro o método destes ensaios".

E começa por examinar o meio físico, a luta do mar com a terra, em que procura harmonizar as opiniões de RECLUS e de DE MARTONNE, depois de lhes apontar o antagonismo.

"O mais frisante, o mais intenso, o mais decisivo fenômeno da transformação dos litorais amazônico-maranhense é a invasão do mar.

Não basta, porém, acrescenta, o mero registrar do simples e evidentiíssimo fato: "é mister investigar-lhe o mecanismo e as conseqüências várias".

E completa o pensamento, minudenciando as observações.

"A invasão do mar é desagregação e decomposição. Evidencia-se a primeira face do fenômeno na gênese das ilhas maranhenses, blocos destacados do continente ou de blocos insulares maiores; cada ilha é um tabuleiro, cujas paredes caem muitas vezes a prumo, em barrancas, outras se recortam de rias e igarapés; separam-nas numerosos furos, canais estreitos, quando se não apresentam perdidos pelo meio de largos esteiros e baías".

Transbordante na orla em que modela o contorno continental, "a invasão marítima penetra, no Mearim, até 100 quilômetros de distância reta do litoral, fazendo do estuário desse rio o maior dos estuários maranhenses".

"É no Mearim e no Pindaré que se observa bem o fenômeno da pororoca".

E o autor que o teria assistido mais de uma vez, descreve maravilhosamente o drama fluvial, de curta duração, mas de intensos efeitos, quando as águas sobem violentamente, em onda avassaladora, que vai, contra a correnteza, à maneira de enchente invertida, que o mar transmite pelo seu fluxo inundante.

"Passada a vaga, evidenciam-se várias conseqüências.

Observa-se a brisa da pororoca, corrente de ar marinho que nos fere o rosto, produzida pelo deslocamento da massa atmosférica em virtude do movimento das águas; é o que se dá também com o Amazonas, cuja corrente produz uma brisa especial, oposta à direção do alísio".

E ao tratar do relêvo, e sua correlação com a distribuição das águas, sintetiza as conclusões em períodos indicativos de esforços aplicados em exames locais:

"A região do Golfo é a máxima expansão da planície litorânea maranhense, separando, como vimos, as duas massas principais do relêvo. A própria convergência dos rios para o Golfo, acrescenta, delata bem o fundamento desta diferenciação.

Prolongando para leste a depressão amazônica, a baixada do Maranhão se estreita a leste do Gurupi, entre a costa e o grupo orográfico ocidental, alarga-se, nas bacias do Mearim e do Itapicuru, até São Luís Gonzaga e Codó, e enfim, após os tabuleiros pouquíssimos elevados do Maranhão oriental, repete-se no vale inferior do Parnaíba cessando junto à Ibiapaba".

Ao explicar as manifestações climáticas da região, a que imprimem feições peculiares, afirma:

"O clima maranhense é essencialmente a transição entre a condição amazônica e a condição tropical.

De um modo geral, afasta-se do regime de precipitação quase quotidiana dos verdadeiros climas equatoriais sem contudo atingir a exsicação dos trópicos.

Mau grado a proximidade do círculo do equador, São Luís já goza de um regime de franca diferença de distribuição de chuvas no decorrer do ano".

E explica-lhe a causa, devida, em sua opinião, a três centros atmosféricos principais: "a área continental de atração de Goiás, a anticlinal dos Açores e a de Santa Helena, de cuja longínqua impulsão provêm os ventos alísios do quadrante sul-oriental".

E no tocante à vestimenta vegetal, assentou, convicto: "relêvo, hidrografia e sobretudo clima, combinam-se para caracterizar o Maranhão, sob o ponto de vista floral como a zona de transição entre a Hiléia grandiosa e as áridas caatingas do Brasil do Nordeste".

Não entraria o solo entre os elementos diferenciadores, ou já se compreendia na definição do relêvo, em que o autor o englobava?

Qualquer que lhe fôsse a respeito o parecer, logo se completava com a discriminação dos tipos florísticos.

"A mata amazônica, descendo pelo grande vale, alonga-se para além dos campos majoaras e do sulco do Tocantins-Pará.

Entra na zona oeste maranhense, cobrindo larga parte do território até um limite que, coincidindo aproximadamente com o clima amazônico, se pode fixar no médio Mearim". E a floresta virgem, característica do clima equatorial".

"Os campos baixos do Maranhão, distensos entre a floresta e o litoral, alargam-se até os tabuleiros pobres de leste".

"Nos campos do sertão prepondera o tipo savana.

"São, como as chapadas e tabuleiros da zona a leste do Itapicuru, grupamentos florestais de climas relativamente secos".

Debuxado, em largos painéis, o cenário, passou a examinar as correntes de povoadores que ali se conjuraram, para a ocupação do território.

Primeiramente, os silvícolas, de rudimentar cultura, mas aclimados ao meio, os ádvenas, fôsses da raça conquistadora, portugueses, franceses, holandeses, ou dos africanos cativos, sôbre cujos ombros pesariam as obrigações do trabalho agrícola.

Para lhes estudar as atividades e os resultados correspondentes, empreendeu a análise de elementos fundamentais, reunidos em grupos, cujo conjunto constituiria uma zona.

"Efetivamente, indagava a respeito, como se deve entender uma zona geográfica? É acaso uma região natural? Geológica? Climática? Biológica? Industrial? Político-administrativa?"

"Não, respondia, em seguida, a verdadeira diferenciação das zonas é um compromisso entre todos êsses pontos de vista especiais. E, não deixamos de insistir, uma classificação mesológica".

E para melhor esclarecer a afirmativa, que precedia qualquer referência oficial em programas de ensino, acrescentou:

No Maranhão, os rios do sistema hidrográfico do Golfo "não bastam para determinar uma zona".

"Influem poderosamente na vida social; mas a sua influência é sobrelevada pelo clima e pelo relevo".

Aliás, afirmaria que "os sistemas fluviais, quando não caracterizam, aliados à geognóstica e ao relevo, uma região geográfica, não deixam de constituir feixes importantíssimos de elementos mesológicos".

Por isso, "estudar os contrastes e acordos do plano hidrográfico com o estereográfico e o climático é tocar o âmago do problema da geografia sintética".

E, de harmonia com as observações que minudenciou, dividiu o território maranhense em cinco zonas a saber:

1 — Campos da Baixada — Sedimentos recentes: campos de formação floral ligada à geogenia — Indústria pastoril.

2 — Maranhão Oriental — Vegetação campestre, tabuleiros; pastagem: e a pequena zona do Baixo Parnaíba.

3 — Mata Virgem — Habitada quase unicamente por índios; indústria florestal, extrativa.

4 — Baixo Sertão — Matas e campos; agricultura e pastagem.

5 — Alto Sertão — Campos e chapadas; indústria pastoril e da borracha; abrange propriamente três partes: a) as serras centrais, b) a bacia do Tocantins, c) a do alto Parnaíba".

E com semelhante critério, completou a análise do Torrão Maranhense, com o qual se incluiu entre os escritores, para quem não há incompatibilidade entre a ciência e a expressão elegante e colorida, que lhe verse os temas.

O êxito do livro encorajou-o a prosseguir nas pesquisas, que deixariam de ser exclusivamente geográficas, para envolverem também os ramos correlatos.

Assim foi que enveredou pela geografia histórica, em exames dos fortes coloniais e pela arqueologia, onde logrou revelar desconhecida cultura lacustre. Apenas vagas referências assinalavam a existência de vestígios de estacaria no lago Cajari, tributário do rio Maracú, afluente do Pindaré.

Por não distar demasiado de sua cidade natal, empolgou-lhe a atenção de pesquisador, que se valeu da acentuada estiagem de 1919 para examinar cuidadosamente o local.

E ao dar conta das suas observações, afirmou, em conferência pronunciada em 24 de maio de 1923:

"Tipo clássico de várzea aluvial, pertencente ao rosário de lagoas do Pindaré e do seu afluente o Maracú, o lago Cajati tem por defluente principal o rio do mesmo nome, que dêle sai junto à própria vila de Penalva. O rio Cajati mostra aspectos de rio jovem, com poucos meandros, em alternativas de poções e cortados de lagoas, o que, na classificação decorrente das teorias de MORRIS DAVIS, bem lhe caracteriza essa recente idade fisiográfica".

E, para definir o objeto principal das suas investigações, acrescentou:

"Na época em que a estudei, a esteiaria apresentava-se toda visível, com os seus milhares de esteios, numa perspectiva belíssima, impressionante, espontâneo com os seus troncos negros, como se fôsse imensa floresta morta, à face argentada das águas".

E desta maneira, introduziu no estudo da etnologia brasileira mais um capítulo, referente às esteiarias.

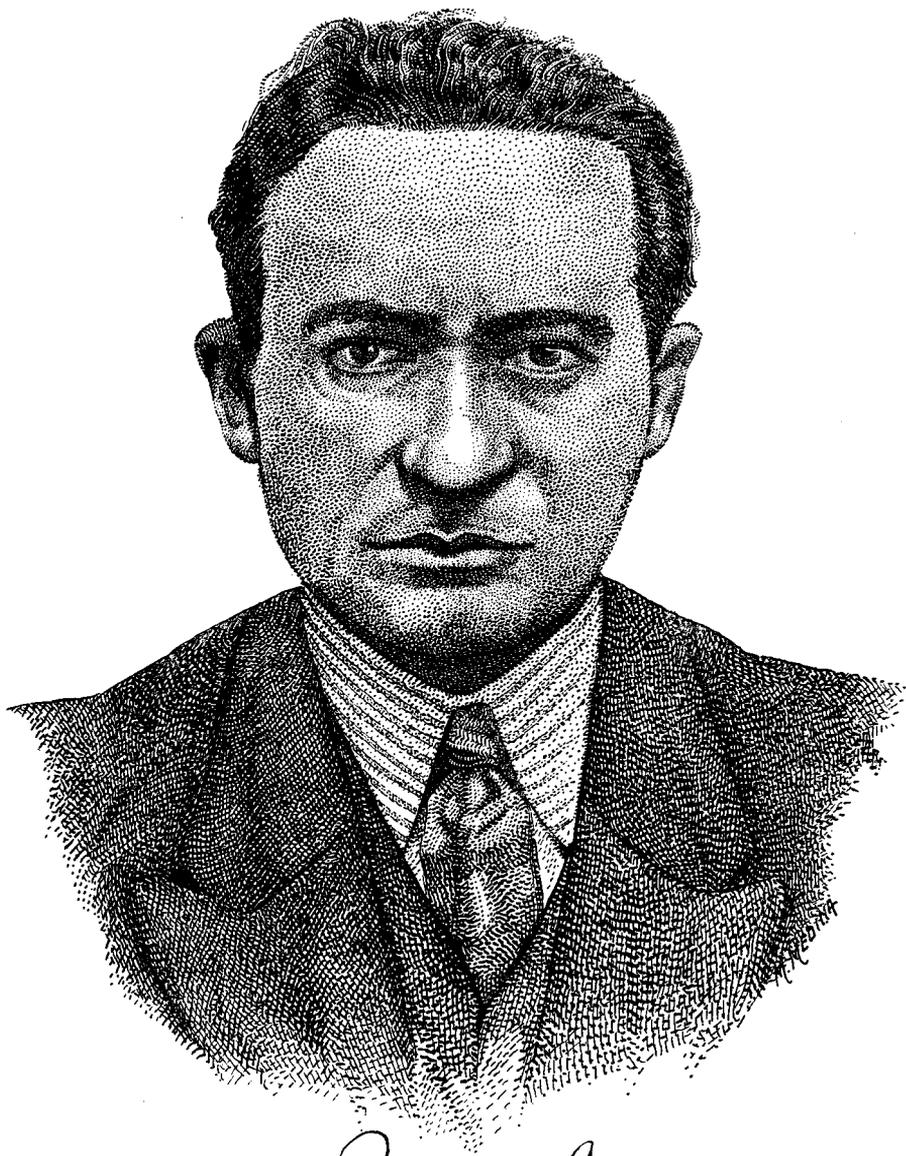
E embora tal circunstância o desviasse para a arqueologia e etnografia, como evidenciou a sua admissão no quadro de professor substituto do Museu Nacional, em 1925, mediante concurso, jamais desprezaria as pesquisas geográficas.

Ao lado de monografias referentes a outros ramos, como o Ensaio etnológico sôbre o povo brasileiro — avultariam as que tocavam mais de perto a geografia, a saber: Entre a Amazônia e o Sertão, A pesca brasileira nos rios do Maranhão, Guanabara, Cândido Mendes e a Geografia do Brasil, Uma região Tropical (Maranhão) — além dos trabalhos que deixou inéditos — Tratado de Antropogeografia, alguns de cujos capítulos a Revista de Educação estampou, Mapa Fitogeográfico do Brasil. Como representante do Museu Nacional, participou do Congresso Brasileiro de Geografia, em Florianópolis, onde o conheceu o professor PIERRE MONBEIG, que a propósito do seu livro de estréia opinou:

O Torrão Maranhense é um dos raros estudos regionais que o Brasil possui, no qual se encontra o método geográfico moderno" (R. de Geog. e Hist. — ano 2.º — n.º 2).

Na capital catarinense teve, porém, o primeiro assalto da doença, que se engravescendo progressivamente, acabou por emudecê-lo a 8 de setembro de 1941, quando se achava ainda em plena pujança intelectual.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



*Raimundo Lopes.*